

A POPULAÇÃO PORTUGUESA EM TERMOS DEMOGRÁFICOS FACE AO SEU ENVELHECIMENTO

Roberto Carneiro
Fernando Chau
Cândida Soares
José de Sousa Fialho
Maria João Sacadura

1.1. INTRODUÇÃO

Portugal apresenta consideráveis mutações demográficas com importantes repercussões sociais, económicas e culturais, registando, no contexto europeu e mundial, tal como acontece noutros países desenvolvidos, uma profunda alteração na sua estrutura etária e dimensão populacional. O passado recente evidencia um gradual aumento do peso dos grupos etários séniores e uma redução do peso da população jovem revelando uma dinâmica populacional sem precedentes na história portuguesa, com um crescente peso das populações séniores e uma redução secular do peso da população ativa¹.

O efeito cumulativo da diminuição das taxas de mortalidade e de natalidade ao longo de várias décadas tem vindo a alterar o perfil demográfico da população portuguesa, cujo traço mais marcante é o progressivo envelhecimento da sociedade portuguesa. O envelhecimento resulta da transição demográfica das sociedades, definida como a passagem dum modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo de níveis baixos dos mesmos e, simultaneamente, um aumento

¹ Ver Quadro A.1 do anexo, reproduzindo informação do exercício EuroPop2010 do Eurostat. A atual crise e elevadas taxas de desemprego deverão ter contribuído para o reforço dos movimentos migratórios, observando-se fortes fluxos de emigração – em contraste com as hipóteses adotadas no referido exercício. Estes recentes desenvolvimentos deverão contribuir significativamente para um processo mais rápido do envelhecimento da sociedade portuguesa. i.e., os desafios do envelhecimento deverão ocorrer mais cedo e com maior intensidade.

generalizado da esperança média de vida das populações². Neste processo, observa-se um estreitamento relativo da base da pirâmide de idades (i.e., menor peso de efetivos populacionais jovens) e um alargamento do topo (aumento relativo de efetivos populacionais idosos).

O desenho das políticas de educação, sociais e de saúde e a respetiva governação devem ter em conta as projeções das necessidades da população em matéria de serviços sociais e de saúde, sendo necessário, portanto, um olhar atento relativamente às projeções demográficas para Portugal, tanto ao nível da intensidade do movimento populacional e das suas estruturas etárias no médio e longo prazo como no plano das profundas alterações nas estruturas familiares no nosso país.

A CE recomenda que as políticas para fazer face ao desafio do envelhecimento terão que ter em conta a: (1) renovação demográfica; (2) emprego; (3) produtividade; (4) dinamismo produtivo da Europa; (5) acolhimento e integração efetiva de imigrantes; e (6) finanças públicas sustentáveis. O desenho das políticas para atingir as prioridades e os objetivos terá de ter em conta a evolução demográfica da população com todos os fenómenos a ela associados, nomeadamente, o envelhecimento da população nos EM. Em termos práticos, procura-se que cada vez um maior número de cidadãos idosos possa beneficiar duma vida mais ativa, saudável e participativa, o que representa sérios desafios às nossas sociedades e economias para atingir estes objetivos.

Envelhecer bem é um processo heterogéneo e diferenciado, na medida em que cada um(a) vive em contextos físicos, sociais e humanos diferentes e é portador(a) de vivências e projetos de vida idiossincráticos. Os especialistas argumentam que a qualidade de vida inclui um alargado espectro de áreas da vida. Os modelos de qualidade de vida vão desde a satisfação com a vida ou bem-estar social a modelos baseados em conceitos de independência, controle, competências sociais e cognitivas e até dimensões menos tangíveis, tais como o sentido de segurança, a dignidade pessoal, as oportunidades de atingir objetivos pessoais, a satisfação com a vida, a alegria, o sentido positivo de si. Os diferentes contextos mencionados, os vários parâmetros de satisfação e um conjunto variável de características sociais (religião, educação, família, cultura, etc.) influenciam, por sua vez, o processo de envelhecimento. Um aspeto relevante é

² De facto, a redução da mortalidade está associada ao aumento da esperança de vida das populações, reforçando assim o peso da população sénior num quadro de taxa de fertilidade baixa.

a questão da dependência que pode afetar os idosos, nomeadamente no nível psicológico, social e de capacidade de decisão e controlo da sua vida, constituindo uma voz ativa no seio da comunidade e família; por outras palavras, satisfação (e qualidade) de vida e bem-estar psicológico e físico³.

Esta situação levanta a questão de saber quais são as soluções mais adequadas para lhe dar resposta, sendo necessário equacionar o papel das famílias, da comunidade e dos poderes públicos locais, regionais e nacionais, numa perspectiva de conciliação e de identificação das necessidades intrínsecas de cada sénior. Múltiplos princípios encontram-se em jogo, nomeadamente, a dignidade das pessoas, a subsidiariedade, a proximidade dos serviços à população-alvo, a coesão social e local, a solidariedade e a economia. Uma vertente importante do envelhecimento é a evolução da família que, tradicionalmente, tem sido o *locus* de interajuda intergeracional – de facto, a família é uma célula fundamental, enquanto lugar privilegiado de trocas intergeracionais, onde as gerações se encontram, se interajudam e se complementam. As projeções da família, sobretudo a unipessoal, serão apresentadas na secção 3.

1.2. CONCEITO DE IDOSO E PADRÕES DE ENVELHECIMENTO

Serrão (2006) propõe considerar o termo “Séniore” para os homens e as mulheres com mais de 65 anos, desligados de atividades profissionais formais, que mantêm as suas capacidades, são independentes, saudáveis e ativos, abrangendo em termos etários três décadas, dos 65 aos 95 anos. Existem ainda três subtipos de homens e mulheres:

- (i) Idosos muito dependentes, com idades acima dos 85 anos e com dependência que resulta ou do envelhecimento natural ou surge “por doença, incluindo a doença oncológica em fase terminal” (Serrão, 2006, p. 132).
- (ii) Idosos dependentes, cuja dependência é resultante, sobretudo, de doença crónica que obriga a tratamentos médicos constantes.
- (iii) Idosos independentes são os que mantêm as suas capacidades mas estão inativos “agarrados ao falso slogan: não faço nada porque estou reformado” (Serrão, 2006, p. 132).

³ Ver Figueira (2010, pp. 7-9).

Estas classificações funcionais são úteis. No entanto, o conceito de idoso tem sido objeto de longo debate. A definição do conceito de idoso acarreta dificuldades de delimitação da categoria, confrontando-se duas visões distintas. Uma representação descreve o idoso e a velhice de uma forma negativa, onde o idoso é encarado como um ser humano frágil em situação de “pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência” (Mauritti 2004, p. 340). Nesta perspetiva, o percurso de vida de cada um, à medida que a idade avança, culmina fatalmente num quadro dantesco de exclusão e sofrimento. De acordo com Mauritti (2004, p.340), a segunda representação considera o idoso como um potencial “segmento específico de consumo”. Assim, a velhice é uma época de reflexão, de ócio, de dedicação às atividades como o “autoaperfeiçoamento”, que constituem elementos para o conceito de Envelhecimento Ativo⁴.

No contexto do novo paradigma do envelhecimento ativo, Osório e Pinto (2007, p. 216) apresentam no quadro seguinte uma comparação entre o paradigma do envelhecimento sobre a forma de se olhar o idoso no passado e o idoso de hoje e do futuro:

QUADRO 1.1.

O paradigma do envelhecimento produtivo na prática gerontológica

Perspetiva tradicional	Perspetiva do envelhecimento produtivo
Niilista	Esperançoso
Deterioração	Crescimento e desenvolvimento
Incapacidade	Saúde e bem-estar
Institucionalização e dependência	Autonomia, independência e interdependência
Forte resistência à mudança	Ajustamento à mudança
Incapaz de aprender	Estimulação intelectual
Preparação para a morte	Desfrutar o dia-a-dia
Vulnerabilidade/passividade	<i>Empowerment</i>
Qualidade de vida (uma dimensão)	Qualidade de vida (multidimensional)
Desapego social	Envolvimento social
Isolamento comunitário	Integração comunitária

⁴ Esta secção constitui uma leitura dos autores dos trabalhos de Fonseca (2004) e Pinto (2009).

Perspetiva tradicional	Perspetiva do envelhecimento produtivo
Negação e fuga aos desafios	Enfrentar desafios
Necessidades, défices, perda de oportunidades	Força, habilidades, desejos, oportunidades
O passado e o que este poderia ter sido	O futuro e o que ele ainda poderá representar
O microambiente	O macroambiente
Comportamentos “apropriados à idade”	Comportamentos neutrais para a idade
Uso de um <i>stock</i> terapêutico	Melhoria terapêutica
Estilo de vida sedentária	Ativismo e atividade
Receber	Dar, prestar voluntariado, trocar

Fonte: Osório e Pinto (2007, p. 216)

De acordo com Fonseca (2004), parece ser vantajoso o recurso às seguintes “categorias” de idade defendidas por Birren e Cunningham (1985):

- *idade biológica*: o funcionamento dos sistemas vitais do organismo humano, importante na vertente saúde que afeta os indivíduos – o funcionamento desses sistemas diminui com o tempo;
- *idade psicológica*: capacidades de natureza psicológica das pessoas para se adaptarem às mudanças de natureza ambiental, determinando as suas competências fundamentais para o controlo pessoal e a autoestima;
- *idade sociocultural*: conjunto específico de papéis sociais que os indivíduos adotam numa sociedade, influenciando os comportamentos, hábitos, estilos de relacionamento interpessoal, etc.

A idade biológica constitui somente um indicador do processo de envelhecimento. De facto, as experiências e as vivências ao longo da vida de cada ser são importantes para compreender o comportamento humano (do(a) idoso(a)).

A nível internacional existem muitas definições sobre o conceito de idoso, se bem que tradicionalmente se continue a considerar idosa a pessoa a partir dos 65 anos. Segundo a OMS, considera-se como idosa uma pessoa com mais de 65 anos, ou mais de 60 anos se viver em países menos desenvolvidos. Contudo, por se tratar duma definição arbitrária, ela encontra-se muitas vezes ligada à idade que, num país, se considera uma pessoa ter direito a uma pensão (idade legal de reforma). Por tais

motivos, as Nações Unidas optam por não considerar uma idade para se ser considerado idoso aceitando, contudo, a idade de 60 anos para esse efeito. A utilização duma idade de calendário para marcar o limiar da velhice assume equivalência com a idade biológica mas, ao mesmo tempo, é geralmente aceite que estes dois factos não são necessariamente coincidentes.

Ainda dentro da problemática do conceito de idoso, refere-se que, no âmbito deste projeto relacionado com os *focus groups*, a noção de pessoa idosa aparece mais relacionada com a autonomia da pessoa do que com quaisquer outros fatores, nomeadamente cronológicos. Verificou-se que os **mais velhos** não se referem às pessoas da sua idade como idosos⁵ mas como um grupo que partilha transversalidades: o que transparece no seu discurso é quase uma oposição entre o Eu – uma pessoa com a sabedoria e experiência que ganhou com os anos, autónoma, que sabe ocupar o seu tempo, que se preocupa com cuidar de si – e os Outros, pessoas que sofrem de solidão, têm problemas de saúde, dependem de outros, tornando-se um peso para a família e não sabem como ocupar o seu tempo.

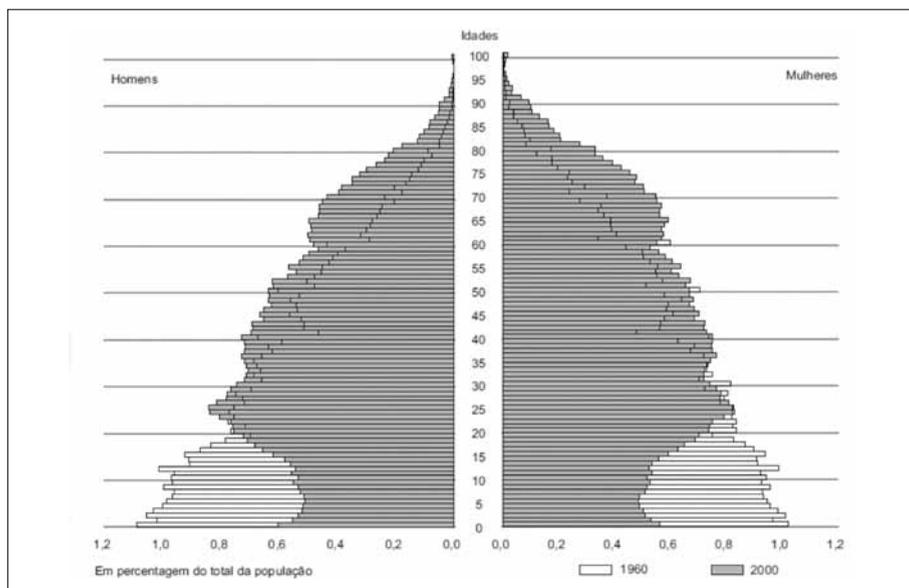
1.3. CENÁRIOS DEMOGRÁFICOS DO INE

A população idosa ocupa cada vez mais um papel fundamental na estrutura da nossa sociedade: a diminuição da taxa de mortalidade, o aumento da esperança média de vida e o declínio da fecundidade que, conseqüentemente, provoca uma alteração e inversão da pirâmide das idades: redução relativa na base e aumento da importância relativa dos mais idosos.

Em Portugal, as alterações na estrutura demográfica estão bem patentes na comparação das pirâmides de idades da população em 1960 e 2000.

⁵ Neste estudo, o termo idoso é tomado como uma descrição fatural (portanto neutra) das pessoas com 65 ou mais anos, não sendo portanto um sinónimo de velho, uma representação social negativa, transmitida quer por autores como Gil Vicente e Camões (o Velho do Restelo), etc. até aos autores contemporâneos (ver recensão destas obras em Silva (2011, pp. 44-52)).

GRÁFICO 1.1
Pirâmide Etária, 1960-2000



Fonte: INE/DECP, Estimativas de População Residente e Recenseamentos Gerais da População

Constata-se que a forma triangular ainda visível na pirâmide que retrata a população residente em Portugal, em 1960, desvaneceu-se e os perfis das pirâmides são totalmente diferentes em 2000. A queda da taxa de natalidade determinou uma redução do peso dos grupos etários mais jovens; por sua vez, o aumento da esperança de vida contribuiu para o aumento do peso das populações idosas. No entanto, os movimentos migratórios regionais e internacionais têm também impactos significativos no processo de envelhecimento demográfico. Para Bandeira, “A história da população portuguesa entre 1950 e 1980 demonstra, por conseguinte, que o processo de envelhecimento demográfico não começa necessariamente com a queda da natalidade. Os seus mecanismos podem ser postos em movimento pelo aumento de balanças migratórias fortemente negativas, que alteram o peso das estruturas etárias intermédias, ou seja, dos adultos activos.”⁶ O mecanismo das migrações manifesta-se

⁶ Mário Leston Bandeira, 2012, “Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa: evolução e perspectivas”, p. 10, Fundação FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS e Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa.

no envelhecimento demográfico, quer através da queda de ativos, como de menor capacidade de reprodução: “A emigração cavou nas antigas populações rurais do interior um profundo défice humano nas gerações activas e em idade de procriar, o que desencadeou uma tremenda e imparável baixa da natalidade e feriu inexoravelmente o potencial de auto-reprodução dessas populações para o futuro.

Em conjunto, forte emigração e baixa natalidade têm estado na origem do contínuo envelhecimento das populações do interior de norte a sul, como comprovam os índices de envelhecimento de algumas regiões fora da órbita litoral, em 2001” (Bandeira, 2012, p. 13).

Os dados oficiais revelam que a Taxa de Fertilidade total em Portugal apresentou a seguinte evolução: 2,25 em 1980, 1,56 em 1990, 1,55 em 2000 e 1,32 em 2009 (vide Quadro 1.2.1 do Demography Report, 2011). Desde 1990⁷, esta taxa situou-se abaixo da taxa biológica necessária para manter estável o total da população: 2,1 número de filhos.

Por sua vez, a esperança média de vida à nascença dos homens e mulheres nascidos em 1993 era, respetivamente, de 71 e 78,1 anos; os indivíduos com 65 anos apresentavam uma esperança de vida de 14,2 (H) e 17,5 anos (M).

Estes ganhos significativos em saúde em Portugal, ao longo das últimas décadas, constituem uma base importante para a melhoria do bem estar, nomeadamente das populações idosas. Em 2009, os dados demográficos do Eurostat apresentavam, para Portugal:

QUADRO 1.2
Esperança média de vida

(em anos)	H	M
À nascença	76,5	82,6
Aos 65 anos	17,1	20,5

Fonte: CE, Demography Report (2011), Quadro 1.3.1 e 1.3.2

Esta melhoria da esperança média de vida dos portugueses, como se disse, tem sido muito expressiva na segunda metade do séc. XX; em 1940, os homens tinham uma esperança média de vida de 48,6 anos, mas a geração dos de 2001 apresenta uma esperança média de 71,2 anos; para as mulheres, a esperança média era de 52,8 anos em 1940, e as da geração de 2001 apresentam já uma esperança média de 80,5 anos:

⁷ O índice sintético de fertilidade era: 1,5 em 2001; 1,6 em 1991; 2,1 em 1981; 2,8 em 1970; e 3,1 em 1960.

QUADRO 1.3
Esperança média de vida à nascença

(em anos)	1940	1960	1981	2001
H	48,6	60,7	69,1	71,2
M	52,8	66,4	76,7	80,5

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas

De acordo com os dados provisórios dos Censos 2011, a população residente em Portugal era de 10 561 614. Confrontando a população residente em Portugal, em 21 de março de 2011, com a dos Censos de 2001, o quadro seguinte apresenta a respetiva composição relativa:

QUADRO 1.4
Estrutura da População Portuguesa

(%)	2001	2011
0-14 anos	16,0	14,9
15-64 anos	67,6	66,0
65+ anos	16,4	19,1

Fonte: INE, Censos 2001 e Censos 2011

Observou-se uma redução do peso dos jovens, de 16% para 14,9% (com menos de 15 anos de idade), um aumento do peso dos idosos de 16,4% para 19,1% (65 e mais anos de idade) e uma redução da população ativa de 67,6% para 66% (dos 15 aos 64 anos de idade).

A relação entre o número de idosos e jovens traduziu-se, em 2010, num índice de envelhecimento de 118 idosos por cada 100 jovens (112 em 2006). O índice de dependência é um indicador relevante para o domínio dos cuidados aos idosos e Portugal apresentava, em 2009, uma das maiores taxas de dependência na UE, com um valor de 26,3%, só ultrapassado pela Itália, Grécia e Suécia, com o valor de 30,6% e pela Alemanha com o valor de 30,9%, sendo a média comunitária de 25,6%. Em menos de 15 anos, o índice de dependência passou em Portugal de 22% para acima de 26%.

O peso dos idosos e dos grandes idosos na estrutura populacional tem vindo a aumentar de forma significativa devido, por um lado, à diminuição dos nascimentos e, por outro, ao aumento da esperança de vida. O número de idosos com mais de 80 anos passou de 340,0 milhares, em 2000, para 484,2 milhares, em 2010. Este aumento refletiu, sobretudo, o

crescimento da população feminina desta faixa etária que teve um acréscimo de cerca de 80%. A proporção da população idosa em Portugal (com mais de 65 anos de idade), que representava 8,0% do total da população em 1960, mais do que duplicou, passando para 19,1%, em 2011. Em valores absolutos, a população idosa aumentou mais de um milhão de indivíduos, passando de 708 570, em 1960, para 2 022 504, em 2011, admitindo-se que em 2020 a população de 65 e mais anos seja superior a 2 200 000. Segundo os dados das Nações Unidas, para 2007, Portugal era o décimo país do mundo com maior percentagem de idosos e o décimo quarto com maior índice de envelhecimento.

1.3.1. Projeções demográficas até 2050⁸

O processo de envelhecimento demográfico português constitui uma tendência “forte” das projeções e cenários futuros da população portuguesa. Este processo é claramente visível no Gráfico 1.1, retratando as pirâmides etárias de 1960 e de 2000 – um estreitamento dos grupos etários jovens e um alargamento da população idosa. Os cenários demográficos até 2060 constam do exercício do INE denominado “Projeções de População residente em Portugal: 2008-2060”, publicado em 2010. De acordo com a respetiva nota metodológica, o referido exercício “assenta sobre o conceito de população residente e adota o método das componentes por coortes (*cohort-component method*), em que as populações iniciais são agrupadas por coortes, definidas pela idade e pelo sexo, e continuamente atualizadas, de acordo com as hipóteses de evolução definidas para cada uma das componentes de mudança da população – fecundidade, mortalidade e migração – ou seja, pela adição do saldo natural e do saldo migratório, para além do processo natural de envelhecimento” (INE, 2010).

O cálculo do stock da população é feito pelo método das componentes, na base da equação de concordância da demografia:

$$P_{t+1} = P_t + N_{t+1} - O_{t+1} + I_{t+1} - E_{t+1}$$

Isto é: o stock de P em (t+1) = P_{t+1} ; os efetivos populacionais do ano t+1 são obtidos a partir dos efetivos do ano t (P) a que se adiciona o saldo natural, resultante da diferença entre os nados vivos (N_{t+1}) e os

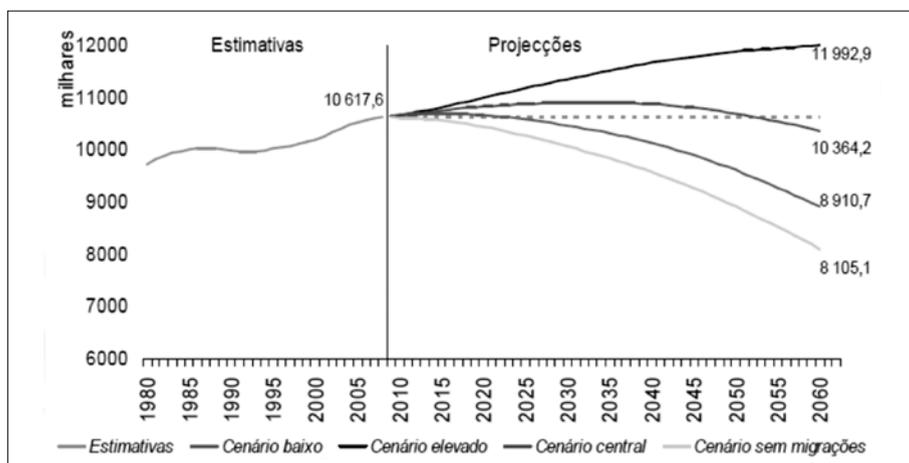
⁸ O exercício de projeção do INE cobre até o período 2060, em consonância com o dos outros EM da UE, coordenado pelo EUROSTAT. Neste Capítulo apresentamos somente as projeções até 2050, tendo em conta outros estudos que cobrem até esse período.

óbitos (O_{t+1}) ocorridos durante o ano $t+1$, e o saldo migratório, resultado da diferença entre imigrantes (I_{t+1}) e emigrantes (E_{t+1}) durante o ano $t+1$.

O exercício das projeções demográficas desenvolve-se com o estabelecimento de hipóteses para cada uma destas componentes demográficas, delineando cenários realistas, mas cujos resultados são sempre condicionais. As projeções de nados vivos dependem, fundamentalmente, das hipóteses sobre a taxa de fertilidade; o dos óbitos, das tabelas atuariais e melhoria / ganhos de esperança média de vida. Quanto aos movimentos migratórios, são construídos cenários que condicionam os resultados das projeções demográficas. O gráfico abaixo apresenta a evolução dos cenários demográficos até 2060.

GRÁFICO 1.2

Estimativas e projeções da população residente em Portugal 1980-2060 (INE)



Fonte: INE, Projeções População residente em Portugal: 2008-2060

Por seu lado, as projeções da população ativa têm por base os cenários demográficos desenvolvidos pelo INE e as hipóteses relativas à taxa de atividade dos diversos grupos etários populacionais bem como dos incentivos associados à situação do mercado de trabalho, decorrentes da situação económica projetada/assumida no período de projeção. São influenciadas, ainda, pelos objetivos da política europeia, como o do aumento da taxa de atividade dos grupos etários séniores – necessário, em alguns EM, para reforçar a sustentabilidade dos sistemas de Segurança Social.

QUADRO 1.5
Projeções da população, Portugal 2060 – cenário central

Grupo populacional/Ano	2010&	2011	2020	2030	2040	2050
POP 15+ anos	9 025 171	8 989 068	9 331 052	9 534 828	9 544 218	9 397 885
POP 15-64	7 115 660	6 966 564	7 101 513	6 899 739	6 465 062	5 982 350
POP 65-79	1 432 063	2 022 504*	1 598 627	1 879 975	2 128 201	2 251 967
Pm: Mulheres	807 253	1 173 316*	884 261	1 025 215	1 142 348	1 194 790
POP +80	477 448		630 912	755 114	950 955	1 163 568
Pm: Mulheres	312 252		406 150	478 990	590 852	710 703
POP 65+/Total (%)	18,0%	19,2%	20,6%	24,2%	28,3%	32,0%

Fonte: INE, Censos 2011, Estatísticas demográficas e projeções demográficas.
 & estimativa; * +65 anos de idade.

A população com mais de 15 anos deverá crescer até 2040, mas a população ativa deverá diminuir na década de 20; a população com mais de 65 anos deverá aumentar de 19% em 2011 para 32% em 2050; por outro lado, a população com mais de 80 anos deverá ultrapassar o valor de 1 milhão na década de 40, atingindo 1,3 milhões no final do período de projeção. O quadro seguinte apresenta os pesos de cada grupo etário do cenário central das projeções do INE:

QUADRO 1.6
Peso dos grupos etários no total da População (em %)

Grupo populacional/Ano	2020	2030	2040	2050
POP 0 – 14 anos	13,8%	12,5%	12,2%	12,1%
POP 15-64	65,6%	63,3%	59,5%	56,0%
POP 65-79	14,8%	17,3%	19,6%	21,1%
POP +80	5,8%	6,9%	8,7%	10,9%
POP 65+	20,6%	24,2%	28,3%	32,0%

Fonte: INE, 2010, Projeções demográficas.

O peso da população jovem (0 aos 14 anos) diminui progressivamente ao longo do período de projeção, passando de 14,9% em 2011 para 13,8% em 2020 e 12,1% em 2050. O peso da população ativa (15 aos

64 anos) deverá passar de 65,9% em 2011 para 59,5% em 2040 e 56,0% em 2050. O da população idosa (65+) no total aumenta progressivamente de 19,2% em 2011 para 32,0% em 2060. Neste grupo etário, de acordo com as projeções disponíveis, o peso da população com mais de 80 anos de idade poderá passar de 4,5% em 2010 para 5,8% em 2020 e 10,9% em 2050. No estudo da Comissão Europeia, Comité de Política Económica e do Grupo de Trabalho do Envelhecimento (2012), encontram-se as seguintes projeções relativas aos rácios de dependência:

QUADRO 1.7
Rácios de Dependência em Portugal (%)

	2020	2030	2040	2050
Share of older population (55-64) (1)	22,2	24,6	26,2	23,7
Old-age dependency ratio (20-64) (2)	34	41	51	61
Total dependency ratio (20-64) (3)	66	71	81	93
Total economic dependency ratio (20-74) (4)	117	109	118	129
Economic old-age dependency ratio (20-64) (5)	42	48	58	70
Economic old-age dependency ratio (20-74) (6)	40	44	54	64

Fonte: European Commission, Economic Policy Committee, Ageing Working Group, 2012, Anexo estatístico

O indicador (1) é dado pelo rácio entre a População com 55 a 64 anos e a População do grupo etário 20 a 64 anos (população ativa⁹ sénior); o (2) corresponde ao rácio entre a população com 65 + anos e a população ativa sénior; (3) é o rácio entre a população com menos de 15 anos e com 65+ anos em relação à população ativa sénior; (4) corresponde ao rácio entre a população total (excluindo a população empregada) e a população empregada (entre os 15 a 74 anos); (5) é dado pelo rácio entre a população inativa com 65+ anos e a população empregada (entre 15 a 64 anos); (6) idêntico ao (5), com o denominador substituído pela população empregada (entre 15 a 74 anos).

Todos estes indicadores sugerem desafios significativos no ajustamento da sociedade portuguesa ao peso crescente da população idosa. Por exemplo, o indicador (3) apresentava um valor de 62,5% em 2010; as projeções acima apontam para um contínuo crescimento deste rácio até 93%.

⁹ População ativa é definida como a população entre 15 a 64 anos.

Estes desafios constituem oportunidades para Portugal, nomeadamente na transformação da cultura, das políticas sociais e de saúde e da economia¹⁰.

O Anexo do presente capítulo apresenta as projeções demográficas para Portugal elaborada no exercício relativo à sustentabilidade das finanças públicas dos EM.

1.4. ESTRUTURAS FAMILIARES E SUAS ALTERAÇÕES

A evolução das estruturas familiares é um dos fatores proeminentes de mudança nas sociedades contemporâneas, colocando novos desafios em termos de necessidades sociais e à organização das respostas públicas e privadas, com vista à promoção do bem-estar individual e coletivo no contexto do processo de envelhecimento. A família é um conjunto em interação dos seus membros e com outras famílias; é um sistema com sinergias variáveis que responde às necessidades e funções básicas dos seus membros. A família é transmissora de conhecimento e de valores, tendo, portanto, um papel socializador e educativo. A auto-estima e a resistência à frustração partilhada pelos membros criam um sentido de pertença e de identificação da família (ou clã), promovendo, pois, um conjunto de pessoas unidas pelo sentimento de pertença de parentesco e unidas por laços de solidariedade, afeto e responsabilidade.

Em geral, a família desempenha um papel importante na provisão dum vasto conjunto de serviços para fazer face às necessidades dos seus membros, acomodando os efeitos da incerteza em domínios importantes da vida, como são os casos do mercado de trabalho ou dos cuidados pessoais, entre outros¹¹. Por exemplo, estudos mostram que o suporte e o apoio familiar são um factor protetor do risco de mortalidade: para cada grupo etário, os homens solteiros e viúvos têm maior vulnerabilidade ao risco de morte relativamente aos casados e divorciados.

Na sociedade pré-moderna, o sistema básico de “seguro social” implícito consiste em os filhos adultos cuidarem dos seus pais idosos constituindo-se, assim, um sistema de interajuda intergeracional. A transição duma economia rural para uma economia (pós)industrial, caracte-

¹⁰ Um dos cenários do projeto Portugal 2050 do DPP consiste no desenvolvimento do setor da saúde, lazer e turismo sénior dedicados aos estratos de pensionistas com rendimento mais elevado (dos outros EM da UE), tal como o Estado da Flórida tem desenvolvido relativo aos pensionistas de outros estados dos EUA.

¹¹ Esta organização é designada por “familiarista”.

rizada pela urbanização, pela nuclearização da família, pela mobilidade geográfica e pela erosão das tradicionais normas de obrigação familiar e reciprocidade, quebrou esta instituição ancestral, chegando ao caso dos filhos não terem tempo ou vontade para estar com os seus pais.

A família, em Portugal, está em profunda mudança. No passado recente, a organização familiar reconfigurou-se devido às transformações societárias relacionadas com o aumento da taxa de participação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho, a atomização dos agregados familiares e a maior volatilidade das relações conjugais, com as alterações nos processos de trabalho centrados na tecnologia e com a globalização crescente associada tanto a potencialidades como a riscos globais. A figura da mulher doméstica constitui uma raridade. As relações familiares têm sido afetadas pelo aumento de rupturas matrimoniais e de novas formas de conjugalidade, observando-se uma reestruturação das relações, mais aberta e com menor estabilidade. Esta instabilidade está associada aos casos problemáticos de isolamento e de abandono.

A importância da família no envelhecimento da população é dada, por exemplo, pelos estudos relativos aos cuidadores informais. Em Portugal, como em muitos países do Mediterrâneo, os familiares (mulheres, pais, maridos, etc.) formam o grosso dos cuidadores das pessoas idosas com dificuldades nas atividades da vida diária (Comas-Herrera e Wittenberg, 2003, p. 232). Inovações nas respostas sociais são fundamentais para atender às necessidades em serviços de saúde e apoio social, numa sociedade em rápida mutação e no quadro das restrições financeiras decorrentes do Programa de Assistência Financeira.

O estudo de Carvalho (2010) argumenta que “Apesar da tendência de transformação na política e mudança nas situações de dependência, a família continua a ser a principal cuidadora... A família tende a criar “novas” dinâmicas de negociação para fazer face ao aumento da longevidade e dos cuidados aos seus familiares mais idosos. Esta negociação não é meramente individual. Resulta das funções que cada elemento tem dentro (Durkheim, 1984, p. 143) e fora da família. Remete não só para as normas e princípios sociais, para o tipo de relacionamento existente entre os que cuidam e os que necessitam de cuidados (Finch, 1989; Finch e Mason, 1989), mas também para o tipo de suporte existente no âmbito formal (Fernandes, 2000; 2001; Torres (Coord.), 2004) e para o modo como as dimensões formais e informais se relacionam umas com as outras.”¹²

¹² Carvalho (2010, p. 6).

Para Carvalho (2009, p. 78) a “estrutura familiar alterou-se com a passagem do predomínio das famílias múltiplas e extensas para as famílias tendencialmente formadas por um só núcleo, o dos pais e dos filhos, e de famílias recompostas, de famílias “não convencionais”, como as mulheres com filhos ou pessoas do mesmo sexo com filhos ou pessoas a viverem sós”. Estas mudanças poderão reduzir o papel das famílias na provisão de serviços para os familiares mais idosos.

Os dados dos Censos da População do INE mostram uma tendência de redução da dimensão média das famílias e diminuição da natalidade. Analisando a evolução nas últimas décadas da estrutura, composição e dimensão da família portuguesas, observa-se o aumento das famílias unipessoais e o surgimento de novas formas familiares e conjugais, as quais, embora de forma ainda muito restrita, têm vindo a ser incorporadas no conceito de núcleo familiar. O quadro seguinte reporta a composição das famílias em Portugal para os anos 2001 e 2011.

QUADRO 1.8
Famílias clássicas, Portugal e regiões em 2001 e 2011

		Un: mil	Dimensão (família clássica)									
			1 pessoa		2 pessoas		3 pessoas		4 pessoas		5 ou mais pessoas	
			mil	%	mil	%	mil	%	mil	%	mil	%
2011	Portugal	4 044	867	21,4%	1 277	31,6%	965	23,9%	671	16,6%	262	6,5%
	Contínente	3 869	835	21,6%	1 232	31,9%	923	23,9%	637	16,5%	240	6,2%
	Norte	1 331	229	17,2%	390	29,3%	349	26,3%	256	19,3%	105	7,9%
	Centro	904	195	21,6%	300	33,3%	209	23,1%	149	16,5%	49	5,5%
	Lisboa	1 147	293	25,6%	376	32,8%	255	22,3%	160	14,0%	61	5,3%
	Alentejo	302	71	23,7%	103	34,2%	68	22,6%	44	14,6%	14	4,9%
	Algarve	182	45	24,9%	60	33,2%	40	22,2%	26	14,4%	9	5,2%
2001	Portugal	3 650	631	17,3%	1 036	28,4%	918	25,2%	718	19,7%	345	9,5%
	Contínente	3 505	611	17,4%	1 003	28,6%	886	25,3%	688	19,6%	315	9,0%
	Norte	1 210	159	13,2%	303	25,1%	325	26,9%	273	22,6%	148	12,2%
	Centro	847	151	17,9%	257	30,4%	201	23,7%	166	19,7%	70	8,3%
	Lisboa	1 005	209	20,9%	302	30,1%	255	25,4%	170	17,0%	66	6,6%
	Alentejo	292	58	20,0%	94	32,2%	69	23,8%	51	17,5%	18	6,4%
	Algarve	149	31	21,0%	46	31,2%	34	23,4%	25	17,0%	10	7,3%

Fonte: INE, Censos 2001 e 2011

Entre 2001 e 2011, o número de famílias com 1 pessoa aumentou de 631,8 mil (17,3% do total) para 867,3 mil (21,4%). O número de famílias com 5 ou mais pessoas diminuiu de 345,4 mil (9,5% do total) para 262,4 mil (6,5%). Observa-se também uma diminuição no número das famílias com 3 e 4 pessoas; famílias com 2 pessoas registam aumento em número e peso no total das famílias clássicas.

No espaço de duas décadas a população residente aumentou 6,7% e o número de famílias clássicas cresceu 22,6%, tendo a dimensão média das famílias descido, de acordo com os dados dos Censos, de 4,2 pessoas em 1950, para 3,7 em 1960 e 1970, 3,4 em 1981 e 2,8 em 2001. Por outro lado, o peso das famílias com mais de 5 indivíduos no total das famílias diminuiu de 22,2% em 1950 para 17,1 em 1960, 15,9% em 1970, 10,6% em 1981, 6,6% em 1991 e 3,3% em 2001¹³.

Estas alterações básicas evidenciam ainda outras dinâmicas sociais, nomeadamente novas formas familiares e conjugais, claramente visíveis, em particular, no surgimento das famílias monoparentais, famílias sem jovens, das famílias de avós com netos, ou mesmo, das pessoas sós e dos casais não coabitantes. Por sua vez, o aumento da esperança média de vida tem contribuído também para o aumento das famílias constituídas somente por idosos.

Nicola (2011) conclui que “A feminização das famílias monoparentais e a terceira idade como o espaço de maior manifestação das famílias unipessoais são duas marcas das estruturas familiares no Portugal contemporâneo. Relativamente a esta última, se no ano de 2000 dois terços destas famílias estavam associados a pessoas idosas, desde então regista-se uma gradual recomposição etária das famílias unipessoais devido ao crescimento de 41,5% das famílias unipessoais com indivíduos com menos de 65 anos. Ainda assim, as famílias unipessoais com pessoas com 65 ou mais anos aumentaram 19% na última década”. (p. 12).

Uma forma simples de projeção da população a viver em família passa por aplicar aos cenários demográficos uma projeção da dimensão média da família. Contudo, este método tem sido criticado por não ter em conta as alterações da dinâmica e da estrutura das famílias (nomeadamente, nupcialidade, taxa de divórcio, coabitação, etc.).

O estudo de Moreira (2008, p. 24) adotou o chamado *propensity method*: “Tendo em conta a realidade portuguesa no que se refere aos conceitos estatísticos e fontes de dados disponíveis sobre família, uma

¹³ Esta evolução está claramente associada à redução do índice sintético de fertilidade.

metodologia possível para o cálculo de projeções em Portugal seria o *propensity method*, que consistiria, de forma simplista, em partir das projeções da população residente, aplicando as taxas de população aos vários tipos de famílias selecionados, segundo a estrutura observada numa série censitária, o mais longa possível. Cada tipo de família seria projetado, tendo em consideração diferentes cenários de evolução prováveis (Leite, 2005). Para além da projeção dos vários tipos de família, clássica ou institucional, ou tipo de núcleo familiar, podem calcular-se projeções das pessoas a viver em cada uma dessas modalidades, por sexo e idades.... A proporção (ou *propensities*) desses “*Living Arrangements*” é aplicada à população para dar projeções dos efetivos vivendo em diferentes “*Living Arrangements*”. Estas projeções são agregadas subsequentemente, para dar projeção às famílias e aos “*Living Arrangements*””. Para um maior detalhe deste método, consultar capítulo 4 do estudo de Moreira (2008) com 22 tipos de “*Living Arrangements*”. Moreira (2008, p. 55) adotou as seguintes hipóteses para a dimensão média das famílias:

QUADRO 1.9
Dimensão média das famílias

Hipótese	2020	2030	2040	2050
A	2,8	2,8	2,8	2,8
B	2,2	1,9	1,5	1,3
C	2,35	2,275	2,275	2,275

Fonte: Moreira (2008, p. 55), Tabela 13

O total das famílias projetadas por Moreira para cada hipótese de trabalho consta do quadro seguinte:

QUADRO 1.10
Nº de Famílias Clássicas

Hipótese	2001	2020	2030	2040	2050
A	3 650 757	3 701 033	3 595 776	3 455 733	3 262 037
B	3 650 757	4 681 122	5 266 318	6 410 961	6 970 764
C	3 650 757	4 387 081	4 404 735	4 217 900	3 973 060

Fonte: Moreira (2008, p. 55), Tabela 14

Assim, no cenário A, o número de famílias clássicas diminuiria, refletindo a redução da população projetada. O total de famílias diminuiu, uma vez que a dimensão média aplicada à população é a mesma que em 2001. Relativamente aos Cenários B e C, o número de famílias projetado aumenta consideravelmente face aos Censos de 2001. No Cenário C, o decréscimo que se verifica de 2030 a 2050 é explicado pelo acréscimo do número de pessoas a viver em famílias institucionais (nomeadamente a dos idosos). Porém, em ambos os cenários, o número de famílias aumenta entre 2001 e 2050, tendo em conta as tendências assumidas no exercício de projeção.

Relativamente à hipótese dos “Living Arrangements” da população com 75 e mais anos (Cap. 5.2.1.3), Moreira (2008) obteve, “de acordo com as nossas projeções, em 2050, a população com 75 anos ou mais deverá residir em família de casal sem filhos, como cônjuge, na proporção de 31,1% na série A (494 mil), 44% na série B (699 mil) e 38,6% (614 mil) na série C. Estes números refletem o facto de as pessoas viverem em família até tarde, necessitando de apoio familiar ou assistência domiciliar, sendo que a sua proporção aumenta em todas as hipóteses, com exceção da Hipótese A.

A mesma leitura se faz das pessoas nesta idade que permanecem em famílias de um só elemento. Em 2050 estes isolados representam 24,0% (382 mil) na Hipótese A, 26,8% na Hipótese B (436 mil) e 27,4% na Hipótese C (436 mil), refletindo um aumento em todas as séries.

A população idosa a viver em famílias institucionais terá um acréscimo significativo. Na Série A assumirá uma proporção na ordem dos 7,6% (121 mil) face a este grupo etário. Nas séries B e C este valor será ainda mais elevado, atingindo valores percentuais de 14,3% (227 mil) na série B e 12,7% (203 mil) na série C.

Todos estes acréscimos estão naturalmente associados ao envelhecimento da população e à deterioração do seu estado de saúde, além das mudanças ocorridas na própria estrutura familiar e no modo como o processo de institucionalização será então encarado pelos mais velhos.”¹⁴

Reproduzimos, no quadro abaixo, os principais resultados do trabalho de Moreira relativa às famílias do grupo etário 75+ anos em 2050, tendo por comparação os resultados dos Censos de 2001.

¹⁴ Moreira (2008, pp. 46-47).

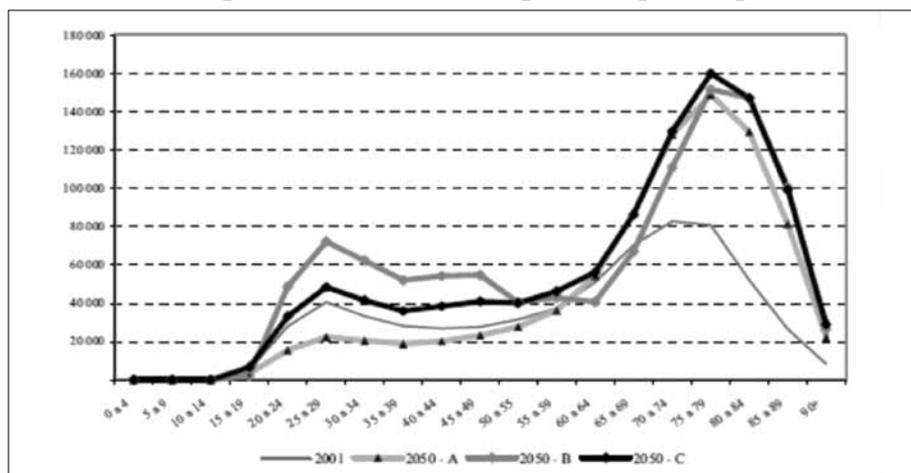
QUADRO 1.11
Famílias do grupo etário 75 + anos nos vários cenários em 2050

	Censos 2001		A		B		C	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Casal	225 636	32,2	483 686	30,4	730 553	45,9	628 613	39,5
C s/ filhos	36 578	5,2	90 514	5,7	0	0	3 375	0,2
1 pessoa	167 817	23,9	382 186	24,0	426 394	26,9	435 807	27,4
F. institucional	48 266	6,9	121 142	7,6	227 105	14,3	202 552	12,7
Total	701 366		1 590 204		1 590 204		1 590 204	

Fonte: Moreira (2008, p.47), Tabela 11

A projeção dum forte aumento das famílias unipessoais do grupo etário da população com 75+ anos nas próximas décadas constitui um aspeto importante da presente investigação dos idosos isolados. Este número poderá ser ainda superior ao da projeção de Moreira, na hipótese de redução da taxa de institucionalização dos idosos, resultante da atual orientação da política social de privilegiar a retenção dos idosos nos respetivos domicílios e do esforço conjugado dos diferentes *stakeholders* para atingir este objetivo. O aumento das famílias unipessoais nos grupos etários de idosos é consistente com as projeções demográficas apresentadas na secção anterior.

GRÁFICO 1.3
Número de pessoas em Famílias Unipessoais, por Grupo Etário



Fonte: Moreira (2008, p. 48), Gráfico 2

Para Moreira, “o número de pessoas sós a residir em famílias institucionais tem tendência a aumentar gradualmente, embora o seu peso relativamente à população total continue a ser baixo. Em 2001, representava 0.97% (101 mil). Este valor só deve aumentar até um valor máximo de 264 mil no cenário C, representando 2.84% da população total. Nos cenários A e B este valor fica-se pelos 168 mil (1.81%) ou 240 mil (2.59%), respetivamente. Estudos já realizados admitem que esse facto se relacione com a manutenção da vida em casal até idades muito avançadas” (pg. 48). O gráfico seguinte ilustra bem estas projeções, com forte aumento das famílias unipessoais dos idosos em 2050.

Os dados dos Censos de 2011 apontam um número significativo de idosos a residirem sós (cerca de 20% da população). As projeções apresentadas neste capítulo sugerem a necessidade de se antecipar respostas ao crescente número de idosos a viverem sós ou isolados geograficamente.

1.5. CONCLUSÕES

– As projeções oficiais disponíveis indicam uma dinâmica populacional sem precedentes na história portuguesa, com um crescente peso das populações séniores e uma redução do peso da população ativa. O efeito cumulativo da diminuição das taxas de mortalidade e de natalidade ao longo de várias décadas tem vindo a alterar o perfil demográfico da população portuguesa, cujo traço mais marcante é o progressivo envelhecimento da sociedade portuguesa.

– A relação entre o número de idosos e jovens traduziu-se, em 2010, num índice de envelhecimento de 118 idosos por cada 100 jovens (112 em 2006). O índice de dependência é um indicador relevante para o domínio dos cuidados aos idosos e Portugal apresentava, em 2009, uma das maiores taxas de dependência na UE, com um valor de 26,3.

– O peso dos idosos e dos grandes idosos na estrutura populacional tem vindo a aumentar de forma significativa, devido, por um lado, à diminuição dos nascimentos e, por outro, ao aumento da esperança de vida. O número de idosos com mais de 80 anos passou de 340,0 milhares, em 2000, para 484,2 milhares, em 2010.

– Quanto às projeções demográficas, segundo o estudo do INE denominado “Projeções de População residente em Portugal: 2008-2060”, constata-se que a população com mais de 15 anos deverá crescer até 2040 mas a população ativa deverá diminuir na década de 20; a população com

mais de 65 anos deverá aumentar de 19% em 2011 para 32% em 2050 e 2060; por outro lado, a população com mais de 80 anos deverá ultrapassar o valor de 1 milhão na década de 40, atingindo 1,3 milhões no final do período de projeção. O peso da população idosa (65+ anos) no total aumenta de 19,2% em 2011 para 32,3% em 2060.

– A evolução das estruturas familiares é um dos fatores proeminentes de mudança nas sociedades contemporâneas colocando novos desafios em termos de necessidades sociais e à organização das respostas públicas e privadas com vista à promoção do bem-estar individual e coletivo no processo de envelhecimento.

– Em Portugal, como em muitos países do Mediterrâneo, os familiares (mulheres, pais, maridos) formam o grosso dos cuidadores das pessoas idosas com dificuldades nas atividades da vida diária. Analisando a evolução nas últimas décadas da estrutura, composição e dimensão das famílias portuguesas, observa-se o aumento das famílias unipessoais e o surgimento de novas formas familiares e conjugais, o que pode levar a um aumento dos idosos institucionalizados.

ANEXO: PROJEÇÕES DEMOGRÁFICAS EUROPOP2010 PARA PORTUGAL

O Eurostat publicou um exercício de projeções demográficas para os EM da UE, conhecido por Europop2010. Para Portugal, reproduzimos as projeções mais relevantes nos quadros abaixo.

QUADRO 1.12

Principais variáveis do Europop2010 para Portugal

Demographic projections EUROPOP2010 (EUROSTAT)	2020	2030	2040	2050	2060
Population (millions)	10,7	10,8	10,8	10,6	10,2
Children population (0-14) as % of total population	13,5	12,4	12,3	12,2	12,0
Prime age population (25-54) as % of total population	41,5	38,9	35,9	34,9	33,8
Working age population (15-64) as % of total population	65,7	63,4	59,5	56,4	56,0
Elderly population (65 and over) as % of total population	20,7	24,2	28,2	31,4	32,0
Very elderly population (80 and over) as % of total population	5,9	7,1	8,9	11,1	13,6
Very elderly population (80 and over) as % of elderly population	28,6	29,1	31,6	35,2	42,4

Fonte: European Commission, Economic Policy Committee, Ageing Working Group, 2012, Anexo estatístico

A população total deverá aumentar até 10,8 milhões (entre 2025 a 2040), diminuindo para 10,2 milhões em 2060. O peso da população ativa diminui para 66,8% em 2010, 65,7% em 2020 e 56% no final do período de projeção. O da população idosa (65+) aumenta de 18% em 2010 para 20,7% em 2020 e 32% em 2060.

Para referência, apresentam-se ainda as hipóteses adotadas no estudo da Comissão Europeia et al. (2012) para o mercado de trabalho:

QUADRO 1.13
Hipóteses sobre o mercado de trabalho

Labour force assumptions	2020	2030	2040	2050	2060
Working age population (15-64) (thousands)	7052	6831	6404	5967	5734
Labour force 15-64 (thousands)	5338	5257	4932	4593	4397
Participation rate (15-64)	75,7	77,0	77,0	77,0	76,7
young (15-24)	36,7	38,3	37,8	37,2	37,7
prime-age (25-54)	89,9	90,1	90,1	90,1	90,0
older (55-64)	63,2	68,5	69,1	69,2	69,4
Average effective exit age (TOTAL)	64,3	64,7	64,7	64,7	64,7
Employment rate (15-64)	66,9	70,8	71,3	71,3	71,1
Employment rate (15-74)	60,4	63,4	63,1	62,5	63,2
Unemployment rate (15-64)	11,6	8,0	7,5	7,3	7,3
Unemployment rate (15-74)	11,2	7,5	6,9	6,8	6,8
Employment (15-64) (millions)	4,7	4,8	4,6	4,3	4,1
share of young (15-24)	7%	7%	7%	7%	7%
share of prime-age (25-54)	76%	72%	71%	73%	71%
share of older (55-64)	18%	21%	22%	20%	21%

Fonte: European Commission, Economic Policy Committee, Ageing Working Group (2012), Anexo estatístico

A idade de reforma efetiva dos trabalhadores, estimada em 63,5 anos em 2010, deverá aumentar progressivamente até 64,7 anos a partir de 2030. A taxa de participação da população entre 55 a 64 anos deverá aumentar de 54,2% em 2010 para 63,2% em 2020, 68,5% em 2030, atingindo um pico em 2035 com 69,6%. Relativamente à taxa de desemprego, as projeções são, quando comparadas com a experiência histórica (excluindo os anos recentes), muito altas, mantendo-se uma taxa nos 7% mesmo entre 2040 a 2060. Por outro lado, o peso do emprego de séniores (55-64 anos) aumenta para a casa dos 21 a 22%.